

A PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL PORTO-ALEGRENSE A PARTIR DO S.C. INTERNACIONAL

THIAGO MAUER LOPES¹
CESAR MARCELO CARAMÊS DA SILVA²

Resumo

Fruto da modernização brasileira gestada pelo Estado Novo, o futebol nacional abandonou as práticas amadora das elites locais do início do século XIX em nome da profissionalização e maior aceitação com relação a grupos étnicos e sociais outrora extirpados do desporto. Um dos precursores desse processo no estado do Rio Grande do Sul foi o S.C. Internacional, primeiro clube gaúcho a se profissionalizar e contar com atletas negros. Essa decisão levou o Inter a uma década de glórias e a ser reconhecido como o "Clube do Povo", não apenas por contar com a maior torcida do Rio Grande do Sul mas, principalmente, por sua equipe e torcida serem compostas, em sua maioria, pela população pobre e negra de Porto Alegre. Essa modernização e mudança de paradigmas dentro desse clube foi fruto de uma disputa política interna entre políticos influentes no cenário do futebol local, e que culminou com a vitória de Ildo Meneghetti frente a Antenor Lemos, e a adoção da profissionalização do futebol dos "vermelhos". O efeito colateral do processo foi o surgimento da multiétnica equipe do "Rolo Compressor", vencedora de oito campeonatos estaduais em dez disputados, e uma das mais emblemáticas equipes da história do futebol gaúcho, composta principalmente por negros. Como resultado das conquistas daquele time, outros clubes locais iniciaram abertura à atletas de todas as etnias, o que iniciou uma nova era onde o futebol seria um dos principais elementos de ascensão social do país, como é ainda hoje.

Palavras-chave: Profissionalização; Futebol; Internacional.

Abstract

As a result of the Brazilian modernization of the Estado Novo, national football abandoned the amateur practices of local elites in the early nineteenth century in the name of professionalism and greater acceptance of ethnic and social groups once extirpated from sport. One of the precursors of this process in the state of Rio Grande do Sul was S.C. Internacional, the first gaúcho club to become professional and rely on black athletes. This decision led Inter to a decade of glory and to be recognized as the "People's Club", not only because it has the greatest fan club in Rio Grande do Sul, but mainly because its team and crowd were mostly composed, by the poor and black population of Porto Alegre. This modernization and change of paradigms within this club was the result of an internal political dispute between influential politicians on

¹ Cientista Político, Historiador e Especialista em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; atua como Assistente de Pesquisa, responsável pelo Setor de Pesquisa Histórica do Museu do Sport Club Internacional – Ruy Tedesco.

the local football scene, culminating in Ildo Meneghetti's victory against Antenor Lemos and the adoption of the professionalism of the "reds". The side effect of the process was the emergence of the multi-ethnic team of "Rolo Compressor", winner of eight state championships in ten disputed, and one of the most emblematic teams in the history of Rio Grande do Sul's soccer, composed mainly of black players. As a result of the achievements of that team, other local clubs opened to athletes of all ethnicities, which started a new era where football would be one of the main elements of social ascension of the country, as it is today.

Keywords: Professionalism; Football; Internacional.

Primeiros anos do Futebol em Porto Alegre

Assim como na Europa, alguns dos primeiros clubes do Brasil, quando não fundados pelas elites locais como é o caso do Fluminense F.C., do Grêmio FBPA e do Sport Club do Recife, nascem a partir de esportes praticados pela elite brasileira de fins do século XIX, como a regata nos casos de C.R. Flamengo e C.R. Vasco da Gama ou do críquete, no caso do E.C. Vitória. Dessa forma, como não poderia deixar de ser, os primeiros clubes futebolísticos do país eram organizados das elites para as elites, que faziam desse o seu lazer de finais de semana. Cabe ressaltar que o futebol foi um dos produtos de exportação ingleses que acabou por delinear o modo de vida das elites nacionais.

Com o tempo, equipes organizadas por jovens oriundos de outras classes sociais passaram a surgir, e a hegemonia dos gramados que até então era das elites burguesa e oligárquica nacionais começa a se desfazer. Equipes organizadas por trabalhadores urbanos, por ex-escravizados libertos e seus descendentes passam a desafiar os clubes das elites, e dessa forma,

as fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. (Franco Júnior, 2007. p. 63-64)

O ano de 1909 marca o surgimento de vários clubes de futebol em Porto Alegre, dentre eles o Sport Club Internacional. Contudo resulta óbvio que apenas 21 anos da abolição da escravidão no país não foram capazes de incluir negros e mulatos à sociedade porto-alegrense, muito menos aos *grounds* por onde desfilavam as elites locais. O maior exemplo é a existência

do Foot-Ball Club Rio-Grandense, fundado em 1907 por mulatos ou homens de cor dentre os quais destaca-se Francisco Rodrigues, pai de Lupicínio Rodrigues, clube este que realizaria sua primeira partida externa somente em 1912 pela falta de competidores negros ou mulatos (Soares, 2014. p. 62). Os negros vão conseguir se organizar e disputar campeonatos somente a partir de 1920, com a fundação da *Liga Nacional de Futebol Porto-alegrense* ou, pejorativamente, *Liga da Canela Preta*, sobre a qual muito pouco se tem a respeito, a não ser por relatos de história oral, uma vez que nenhuma das equipes dessa liga sobreviveu até a atualidade e seus documentos se perderam na grande enchente de 1941.

Entre os clubes fundados em 1909, o Sport Club Internacional foi fundado por jovens empregados do comércio local e em boa medida membros de dois blocos carnavalescos (os Venezianos e os Esmeraldinos). O novo clube que tinha como figuras proeminentes os irmãos Poppe, surge como um clube com viés diferenciado em relação aos dois principais clubes da cidade até então. Enquanto o Fuss Ball Club Porto Alegre era composto por membros da elite germânica da cidade e o Grêmio FBPA por membros da elite empresarial (majoritariamente, mas não exclusivamente germânica) de Porto Alegre, o Sport Club Internacional era composto inicialmente por uma classe média de sobrenomes italianos e portugueses, trazendo uma ideia de abertura à outras nacionalidades, justamente como seu nome sugere.

Até o ano de fundação do Internacional, os dois maiores clubes de Porto Alegre, o Grêmio FBPA e o Fussball Club Porto Alegre jogavam apenas entre si, em um torneio que definia quem era o campeão da cidade em uma melhor de três partidas e que, não por acaso, tinha um nome nada brasileiro: Troféu *Wanderpreis*. Sem jamais recusar os desafios das novas equipes (brancas) da cidade, os dois clubes mais antigos da capital gaúcha certamente não fugiam à lógica dos fãs do futebol do início do século XX no Rio de Janeiro (o que talvez explique o constante rompimento dessas equipes com as ligas e federações locais e a subsequente criação de novas, em concorrência), que viam com maus olhos o advento das novas agremiações, uma vez que, em sua visão, "O Futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo. [Se formos] obrigados a jogar com um operário [...], a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão". (Sports, 6/8/1915 Apud Franco Júnior, 2007. p. 63).

Nesse espírito, a mais eficiente tentativa de manter as classes subalternas longe dos 'grounds' é a manutenção do *status* de amadorismo para o esporte, mesmo depois que esse perde o caráter de mero lazer e passa a formar rivalidades tão duras que a vitória diante dos

rivais se torna mais importante que a associação para convívio entre iguais. Aqui as equipes entram em um profundo dilema: manter-se amadora e composta apenas por “pessoas de alta estirpe”, ou profissionalizar e contar com os melhores jogadores, independentemente de sua classe social?

O C.R. Vasco da Gama, rapidamente chegou a uma resposta para esse dilema. Recém-chegado da segunda divisão da capital federal, o clube português de regatas não tinha como competir contra as poderosas equipes do Fluminense F.C. e do C.R. Flamengo, assim, se tornou o primeiro clube pertencente às principais ligas a aceitar atletas negros. O resultado foi imediato, e já na sua primeira disputa na elite do futebol carioca foi campeão, porém a liga dos clubes da cidade acabou por excluí-lo do campeonato porque todos os atletas da equipe encontravam-se empregados em empresas e firmas dos diretores do clube, o que foi considerado profissionalismo (Dienstmann, 1987. p. 11-12), uma desculpa refinada para a exclusão das classes indesejadas dos gramados do Rio de Janeiro. O termo utilizado para esse profissionalismo extraoficial e velado, segundo Franco Júnior, é “profissionalismo marrom”.

Mesmo no Rio Grande do Sul, região periférica com relação ao Rio de Janeiro, o profissionalismo marrom já se faz presente. Se não era permitido que um clube contasse com um jogador remunerado, encontrava-se formas de burlar a regra. Assim, no ano de 1933, ainda durante a fase do amadorismo, o São Paulo de Rio Grande conquistaria seu único título estadual, com uma equipe que contaria com um dos maiores jogadores do período, Darci Encarnação, que se tornaria um dos primeiros atletas profissionais da história colorada, chegando ao Internacional no ano de 1934, contratado pelo valor de 10 contos de réis. Como, à época, o profissionalismo ainda não havia sido implementado e a Federação não aceitava tal prática, o mesmo chegaria a Porto Alegre sem ser, oficialmente, contratado pelo Internacional. Claudio Dienstmann (1987), em sua pesquisa a respeito da história do futebol gaúcho, encontrou o seguinte eufemismo, utilizado pelo jornal Correio do Povo, de 1934, para informar a chegada de Darci Encarnação: “O atleta Darci Encarnação deverá fixar residência em Porto Alegre, e daí poderá ingressar no Inter” (Dienstmann, 1987. p. 43-45). Com Encarnação no time, o Internacional conquistaria seu segundo título estadual, naquele mesmo ano de 1934. Porém, o grande destaque da conquista foi Tupã, um atleta negro, um dos primeiros do estado nessa fase de amadorismo, fase na qual os grupos subalternos não possuíam muito acesso aos times da elite e às ligas principais, o que faz do craque missioneiro uma exceção à regra (Dienstmann, 1987. p. 47).

Assim que os principais clubes de Porto Alegre se profissionalizaram, foram obrigados a desligar-se da Federação, que seguia amadora, e criaram uma liga própria para a disputa do campeonato municipal nos anos finais da década de 1930 (1937,38 e 39), ficando impedidos de disputarem o campeonato estadual. Assim, as equipes do interior venceram os três campeonatos. Entretanto, se fora devido à profissionalização que as equipes da capital não disputaram o torneio, foi devido a ele, ainda que em seu formato “marrom” e ilegal que o Grêmio Santanense, de Santana do Livramento conquistou seu único título, na primeira edição do campeonato gaúcho sem os times profissionais da capital.

O Grêmio Santanense pôde montar uma equipe forte devido à riqueza da pecuária local e dos cassinos instalados na cidade. Com a região em uma fase de “vacas gordas”, o clube local pôde até mesmo aliciar e roubar Brandão, goleiro do Fluminense que passou pela cidade com destino à Montevideo, onde assinaria com o Peñarol (Dienstmann, 1987. p. 55). Como todo profissionalismo marrom, se paga os atletas, mas esses não assinam com o clube, enquanto tem seus salários pagos por apoiadores da equipe. Cenário que ocorreu ao longo de todo o período, com atletas contratados como estivadores no porto de Rio Grande, peões em Bagé e Livramento, comerciários e funcionários terciários na capital. Ao longo de todo o período de amadorismo do futebol esse contou com a presença de atletas profissionais, diversas foram as formas de driblar os estatutos, e a principal delas foi a lei do estágio, bastante apropriada para os clubes de Porto Alegre, cidade que recebeu estudantes, quase todos abastados, oriundos de todos os cantos do Rio Grande do Sul.

Esse problema da não aceitação de amadores percorre mais algumas décadas no país, e só seria resolvido já durante o Estado Novo, como parte do processo de modernização do Brasil, implementado por Vargas. O decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, foi o ápice da política de modernização esportiva do país à época³, porém ainda assim destinava às federações relacionadas ao desporto a

*b) incentivar, por todos os meios, o desenvolvimento do amadorismo, como prática de desportos educativa por excelência, e ao mesmo tempo exercer rigorosa vigilância sobre o profissionalismo, como objetivo de mantê-lo dentro de princípios de estrita moralidade.*⁴

³ Ponto importante a ressaltar é que essa grande modernização esportiva não incluiu as mulheres, que no mesmo decreto-lei passaram a ser proibidas de praticarem o futebol, disposição esta revogada somente em 1979.

⁴ Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>> acessado em 17/01/2018.

Da mesma maneira que o processo de industrialização do país, o desenvolvimento das atividades esportivas passa a ser realizado com investimentos público-estatais, e ainda assim, a Confederação Brasileira de Desportos resiste, adotando o profissionalismo apenas quando ameaçada de perder o posto de entidade máxima do futebol no país, em 1937. A partir de então,

na mesma lógica que orientava as medidas corporativistas do Estado Novo, em 1941 foi criado o Conselho Nacional dos Desportos (CND), vinculado ao Ministério da Educação e Cultura. [...] Seus objetivos eram a modernização desportiva e sua utilização para a legitimidade do regime. Ou melhor, a modernização esportiva para aquilo que parecia a modernização do Estado e da sociedade. (Franco Júnior, 2007. p. 80)

Assim que a profissionalização se tornou uma realidade, um fenômeno mais amplo da sociedade brasileira passa a ocorrer também no futebol. Durante muitos anos o cenário foi o mesmo, embora na atualidade os jogadores que se destaquem no futebol brasileiro de qualquer região sejam levados para jogar nas principais equipes europeias, durante anos, a partir da década de 1940, os

jogadores que despontavam no interior do Brasil eram contratados pelos grandes clubes do eixo Rio-São Paulo, à semelhança do que ocorria com a mão-de-obra de migrantes que se deslocava das áreas rurais e das regiões Norte e Nordeste para o Sul-Sudeste em vias de industrialização. (Franco Júnior, 2007. p. 82)

‘Celeiro de Ases’, esse seria um dos problemas que o S.C. Internacional enfrentaria ao longo de sua história, porém foi ainda enquanto o amadorismo vigorava no Rio Grande do Sul mas já começava a perder espaço no centro do país que os primeiros casos surgem. Estava na hora de profissionalizar.

O S.C. Internacional e seus primeiro anos: de amador a profissional

Fundado em 1909 por empregados do comércio e profissionais liberais, o S.C. Internacional nasce como uma opção para as classes médias urbanas de Porto Alegre que possuíam o interesse de jogar futebol mas que, por sua condição social e étnica, não poderiam ingressar nas agremiações já existentes, voltadas para as classes mais abastadas ou de ascendência germânica.

Contudo logo em seu segundo ano de atividades, o Internacional passa a mudar o perfil socioeconômico de seus integrantes. De comerciários, o clube passou a ser formado

principalmente por jovens estudantes oriundos do interior do Rio Grande do Sul. Nomes como Carlos Kluwe, natural de Bagé e primeiro ídolo do clube alvirrubro, passaram a ser comuns na primeira década do clube. Isso se dava tanto pela ideologia de ampla aceitação de associados, sem distinção por etnia ou proveniência, mas também por ter contado, entre seus fundadores, com estudantes de regiões do interior que, ao retornar aos seus pagos, faziam propaganda a respeito do clube que ajudaram a fundar.

Foi o caso de Vicente Pires e Rivarol Padilha que, vindos de Santana do Livramento, ao retornarem para a sua cidade, fizeram ampla propaganda sobre as virtudes do Internacional, por toda a fronteira sul do estado: “Padilha apregoava em Santana que todos os jovens que viessem estudar em Porto Alegre deveriam ir jogar no Internacional, porque era um club nativo e já admirado pelo povo”. Daí a força do Internacional entre os estudantes, de onde vinha também, a maior parte do material humano que compôs a equipe vencedora do campeonato municipal cinco anos consecutivos, entre 1913 e 1917, juntamente com os alunos do colégio LaSalle de Canoas, onde o professor de educação física do ginásio, Padre Pedro, ensinava noções táticas (bastante visionárias para o período, quando a individualidade ainda reinava e o futebol coletivo ainda não era uma opção, ao menos fora do Internacional) e indicava seus alunos a jogarem para o Internacional, desde os juvenis (Dos Santos, 1975. p. 88;118-121). Assim o clube foi rapidamente se tornando uma das maiores potências do estado, mesmo sendo mais novo se comparado aos outros clubes tradicionais da capital.

Um dos maiores representantes do período amador, Antenor Lemos, presidente que realizou importantes reformas na Chácara dos Eucaliptos, primeira sede esportiva do clube rendendo-lhe o título de patrono, lança, em 1928, um candidato de conciliação para a presidência do clube visando aplacar uma grave crise financeira e também resolver o impasse entre profissionalização e amadorismo. Segundo Dos Santos (1975. p. 55-57), Antenor Lemos – presidente entre 1920 e 1922 – foi o pioneiro no clube na formação de jogadores, promovendo-os das equipes juvenis; já no ano de 1927, o presidente Oscar Borba modifica os critérios de admissão de jogadores e passa a contratar jogadores já conhecidos com a prática do profissionalismo marrom. A chapa tinha em sua cabeça o jovem engenheiro Ildo Meneghetti, e é com sua eleição que a situação do clube começa a mudar.

Até então o Internacional era um ferrenho defensor da manutenção do amadorismo como principal virtude do futebol, tendo apenas um período de quebra na gestão de Oscar Borba. Assim era que, em assembleia geral extraordinária ocorrida em 11 de Março de 1919,

com a ilustre presença do Dr. Simões Lopes, presidente do Grêmio Esportivo Brasil, de Pelotas (que viria a ser o campeão do primeiro campeonato gaúcho, ao término daquela temporada), há uma amostra do como o S.C. Internacional se pretendia, 10 anos após a sua fundação, se manter amador. O próprio presidente do Brasil, que presidiu também a sessão, “julga[va] elemento indispensável ao desenvolvimento não só physico, mas também moral, disse que via, com pesar, conspurcados esses nobres intuitos pelo profissionalismo que alguns vaidosos de vencer tentam introduzir no nosso meio sportivo”, o que recebeu o aval do presidente do Internacional à época, o Dr. Vieira Pires, que disse que “abundava nas considerações anteriormente expandidas pelo Sr. Dr. Simões Lopes, energicamente prodigando o profissionalismo corruptor” e que o Internacional “‘não é um club abatido’ e a derrota soffrida não o cobria de vexame, do contrario, sendo possível evita-las com jogadores mercenários, preferiu perder a lançar mão desses indignos elementos”⁵. Embora só tenha alcançado êxito mais tarde, no final da década de 1930, as campanhas pela profissionalização do futebol já vinham ocorrendo no estado do Rio Grande do Sul, e o Internacional, ainda destino de estudantes oriundos de todos os cantos do estado e, portanto, de “mão-de-obra” esportiva gratuita, ainda se fazia um entusiasta defensor do amadorismo que lhe era benéfico. Em outra reunião, em dezembro de 1919, Vieira Pires, deixando o cargo de presidente do clube, colocou-se ao lado da nova diretoria, “por ter sabido que fazia parte de seu programa a campanha contra o profissionalismo”⁶, o que comprova as intenções dos associados do clube pela manutenção do amadorismo.

Assim, Antenor Lemos, que assumira a presidência do clube pela primeira vez em 1920, seguia aquela lógica, e o amadorismo possuía suporte legal através das leis vigentes do período, em particular a antiga Lei do Estágio que, quando caiu, após a Revolução de 1930, abriu as portas para a irrestrita profissionalização do futebol no Brasil. Lemos assumiu a presidência da Federação Rio Grandense de Desportos (FRGD), onde trabalhou em defesa da manutenção do *status* do futebol enquanto lazer não profissional, entrando em atrito com o próprio clube, administrado no início da década de 1930 por Ildo Meneghetti, esse sim, defensor da profissionalização do futebol, uma vez que a grave crise que assolava o Internacional demandava o fim da lei do estágio para que o mesmo não fechasse as portas (Dos Santos, 1975. p. 48-49;61). A Lei do Estágio foi proposta pelo próprio Antenor Lemos em 1917 e assinada

⁵ Livro de Actas das sessões de Assembleia Geral do Sport Club Internacional. Acta da 5ª Assembleia Extraordinária, 11 de Março de 1919.

⁶ Livro de Actas das sessões de Assembleia Geral do Sport Club Internacional. Acta da 7ª Assembleia Extraordinária, 30 de Dezembro de 1919.

pelos “representantes das seguintes agremiações: Fuss-Ball Club Porto Alegre, Sport Club Internacional, Sport Club São José, Sport Club Ruy Barbosa, Sport Club Brazil, Sport Club Tiradentes, Sport Club Cruzeiro” (Soares, 2014. p. 129), tendo como principal objetivo impedir que quatro jogadores uruguaios fizessem parte dos quadros do Grêmio FBPA, único time da Liga Porto-Alegrense a não endossá-la. A exigência de que qualquer jogador devesse residir há pelo menos um ano na cidade e comprovasse ocupação profissional, fez com que o Grêmio FBPA desistisse de utilizar os uruguaios.

Em pormenores, a supracitada crise remonta ao ano de 1929, quando o clube precisava abandonar a Chácara dos Eucaliptos, seu alugado campo desde 1912, e iniciava a compra de um terreno no Menino Deus para a construção de seu novo estádio, o Estádio dos Eucaliptos. Naquele ano, o antigo patrono do Internacional, Antenor Lemos, acabou por ser expulso do quadro social do clube juntamente com Gastão Bard. Enquanto Bard era expulso por aliciar os amadores jogadores do Internacional para se transferirem ao Rio de Janeiro como profissionais, Antenor Lemos⁷, que presidia a FRGD era expulso por acusar o Internacional e seu presidente, Ildo Meneghetti, de utilizar o dinheiro arrecadado e destinado à compra do novo terreno para o pagamento de salários a atletas profissionais, jogando os outros clube do estado, ainda todos amadores (ao menos no papel), contra o Internacional. Esse boato colocou o clube em difícil situação, que segundo a diretoria do clube, tornava Antenor Lemos inimigo do Internacional. Ildo Meneghetti, após receber o voto de confiança do conselho de sócios do clube, se defende das denúncias de Lemos, dizendo que

o S.C. Internacional é um Club de glorias e tradições e quando o inimigo ou inimigos surgem á sua frente, o elemento bom, são e trabalhador se une como que formando um só bloco para defender a [tod] transe, custe o que custar, estas gloriosas tradições legada, pelos nossos antecessores. Nunca esperamos e jamais pensamos que o Sr. Antenor Lemos procurasse criar embaraços á administração do Internacional; nunca pleiteamos lugar de mando, elo contrario, só acceitamos depois de muita relutância de nossa parte e isso mesmo como candidato de conciliação; onde talvez o Sr. Lemos enganou-se foi no factor de querer administrar o Internacional quando este pelo Estatuto, é administrado e dirigido pelo Conselho Diliberativo e Directoria. A campanha que uso é mivida é grande e irrisória. Accertamos sem entretanto ter a menor prova, de que se applica o dinheiro destinado ao pagamento do campo, no pagamento de jogadores profissionais! A sós porém, devo um esclarecimento que é

⁷ Mais tarde todos os ex-jogadores expulsos por indisciplina e o próprio Antenor Lemos seriam, à pedido de Ildo Meneghetti, anistiados, em virtude da inauguração do Estádio dos Eucaliptos, em 1931. Antenor Lemos ainda voltaria a ser sócio benemérito do clube. Livro de Actas das sessões de Assembleia Geral do Sport Club Internacional. Acta da 35ª Assembléia Extraordinária, 7 de Março de 1931.

*dizer até a presente data já foi pago á Sociedade de quem compramos o terreno 65 conto de reis e a qualquer um dos nossos consócios estamos sempre promptos a mostrar como os dinheiros são applicados religiosamente de acordo com o fim de que são assignados. Não tememos devassa!*⁸

Com a exclusão de Antenor Lemos do quadro social, a briga entre esse e Ildo Meneghetti acaba por ser vencida pelo segundo, e o Internacional inicia o processo de transição do amadorismo para o profissionalismo, inicialmente com a contratação de jogadores através da tática do profissionalismo marrom, como no já mencionado caso de Darci Encarnação, em 1934, até inaugurar junto com outras equipes da capital uma liga municipal para clubes profissionais, em 1937.

Expulsos da federação estadual por isso, as equipes profissionais de Porto Alegre não disputaram o campeonato estadual nos anos de 1937, 1938 e 1939, todos vencidos por equipes do interior gaúcho. É durante esse período, em especial o ano de 1939, que o Internacional monta uma equipe composta principalmente por atletas negros. Talvez a causa mais provável para que o Internacional tenha montado aquela equipe de atletas negros tenha sido o menor custo⁹, uma vez que o salário desses atletas era menor que o dos atletas de origem europeia e o clube recém havia inaugurado o Estádio dos Eucaliptos, nem bem tendo saído da crise que o acometera na década anterior. Ainda assim, serviu como uma quebra de barreira para que os atletas negros pudessem se sustentar enquanto jogadores de futebol, ascendendo socialmente e melhorando a condição de vida de suas famílias, ganhando visibilidade e muitas vezes tornando-se ídolos das massas.

Mais que isso, aquele time de negros, o primeiro time profissional do Internacional, já em seu retorno à federação, que passou a aceitar o profissionalismo em 1940, venceu o campeonato estadual da temporada, emendando uma sequencia de seis conquistas consecutivas, feito inédito até então. O “clube dos negrinhos” do Internacional, que passa a se identificar como “O Clube do Povo” em decorrência do apelido pejorativo conferido pelos rivais, se torna a maior equipe que o futebol gaúcho vira até então, o Rolo Compressor. O seu feito de conquistar oito estaduais em dez disputados leva, paulatinamente, outras equipes do Rio Grande do Sul a romperem com suas políticas segregacionistas, um clube de cada vez, até culminar

⁸ Livro de Actas das sessões de Assembleia Geral do Sport Club Internacional. Acta da 31ª Assembleia Extraordinária, 23 de Novembro de 1929.

⁹ Como dito por Salin Nigri, tradicional torcedor gremista: “se era branco valia o dobro porque havia concorrência, se era preto, o Inter comprava pagando o preço que desejava” (DAMO, 2002. p. 96).

com o último deles, o Grêmio FBPA, contratando Osmar Fortes Barcelos, o Tesourinha, ídolo do Rolo Compressor, como o primeiro Negro a vestir as cores azul, preto e branco do maior rival do Internacional.

Dessa forma, podemos ver na profissionalização do futebol em Porto Alegre, um reflexo do período pós-30 onde a miscigenação passa a ser vista de forma positiva, como defendido na obra de Gilberto Freire, Casa-Grande & Senzala (1933). Esse posicionamento intelectual, aliado ao processo de crescente profissionalização, forçou as portas dos grandes clubes para sua entrada, resultando inclusive na quebra de antigas tradições como ocorreu com o Grêmio FBPA e a contratação de Tesourinha. Tal quebra é tão forte até mesmo na atualidade, mais de 60 anos depois da referida contratação, o “tricolor” ainda é visto, pelo senso comum, como um clube de raízes racistas (papel as vezes assumido pela própria torcida, como no caso Aranha)¹⁰, enquanto que o S.C. Internacional segue sendo visto como um “Clube do Povo” por ter sido o pioneiro no assunto, ainda que muito pouco nesse sentido tenha sido feito desde o fechamento do setor popular do Estádio Beira-Rio, a Coréia, em 2004.

Ainda assim, não podemos esquecer dos outros efeitos da profissionalização do futebol no Rio Grande do Sul, em especial sua transformação em produto do capitalismo. Carlos Lopes dos Santos traz, em seu livro *Na Sombra dos Eucaliptos*, uma entrevista realizada com o patrono do Internacional, Dr. Ildo Meneghetti, onde o mesmo diz, de forma bastante auto-explicativa a sua visão do que é o futebol. Embora a entrevista tenha ocorrido enquanto governador do estado, demonstra bastante a sua visão com relação ao desporto, ainda permeada pelo que vivenciou nos primórdios da história do S.C. Internacional. Meneghetti propõe “Utilizar o Football como uma força auxiliar do desenvolvimento dos negócios internacionais do Rio Grande do Sul. Que podemos temer? Agora somos mais; somos melhores”.

Vemos então que o futebol era (e ainda é) para os seus dirigentes, uma ferramenta de socialização, muito diferente da forma com que os torcedores, a alma do jogo na atualidade o veem, uma vez que esses veem no futebol a representação maior de suas paixões, anseios e fuga para seus instintos (Franco Júnior, 2007). No passado, enquanto esporte amador (e em boa medida ainda na atualidade, já profissional), o futebol foi um elemento de associação e

¹⁰ Caso Aranha é como ficou conhecido o episódio em que torcedores do Grêmio chamaram o goleiro Aranha, à época no Santos, de macaco, imitando o som produzido pelos chimpanzés, e que levou o clube à eliminação na Copa do Brasil de 2014. < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html> acessado em 17/01/2018.

integração entre membros de um grupo social. No caso do S.C. Internacional, de jovens estudantes de classe média, enquanto que no presente e durante a era do profissionalismo, se torna em campo de negociação, um espaço de tensões, para interação de capitais (no sentido bourdieuano). O futebol obviamente mudou bastante desde sua origem, inclusive servindo como elemento basal de ascensão social em uma sociedade tão desigual como a brasileira, porém ainda mantém algumas de suas características do passado, principalmente aquela do campo da interação social.

Conclusões

Maior paixão nacional, o futebol passou por grandes mudanças desde que chegou ao país, e a principal delas certamente foi a profissionalização do esporte. A partir do estudo sobre a profissionalização do futebol através da história do S.C. Internacional é possível ver a transformação desse de sociedade fechada, um parque recreativo para seus associados, em uma máquina que envolve milhões de pessoas na atualidade, e essa pesquisa demonstrou o exato momento em que essa transformação ocorre.

Mais que transformar o Internacional em um clube vencedor, a profissionalização deu a ele uma nova identidade. Transformou o clube dos estudantes e dos influentes políticos em “Clube do Povo”, um quebrador de paradigmas. Esse foi o efeito colateral de uma batalha entre dois personagens históricos do clube, Antenor Lemos e Ildo Meneghetti, que visava a manutenção e a sobrevivência de um clube que parecia estar não apenas sem casa, mas sem um futuro também, prestes a deixar de existir. O profissionalismo salvou o Internacional da falência e, ao mesmo tempo, criou um dos mais incríveis episódios esportivos do futebol brasileiro: um clube composto principalmente por atletas negros que atropelava as equipes adversárias que contavam apenas com atletas brancos, algo bastante sintomático da primeira metade do século XX, e que geraria, como consequência lógica das conquistas coloradas, uma abertura aos atletas de cor das outras equipes do estado.

Por essas e por muitas outras razões que o futebol não é apenas um jogo, e as medidas tomadas para um fim podem levar a resultados muito maiores, que expressam dentro das quatro linhas o que ocorre na sociedade. Dessa forma e devido a tudo o que produz, podemos afirmar que o futebol é um micro-(macro-?)cosmo da sociedade, da cultura e da História.

Bibliografia

DAMO, Arlei. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Editora da Universidade/UFRGS: Porto Alegre, 2002.

DIENSTMANN, Cláudio. *Campeonato gaúcho: 68 anos de história*, 2ª ed. Sulina: Porto Alegre, 1987.

DOS SANTOS, Carlos Lopes. *Na Sombra dos Eucaliptos*. Livraria do Globo: Porto Alegre, 1975.

_____. *O Gigante da Beira-Rio*. Tipografia e Editora La Salle: Canoas, 1984.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. Companhia das Letras. São Paulo, 2007.

SOARES, Ricardo Santos. *O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre (1903-1918)*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2014.

Fontes

S.C. INTERNACIONAL. Livro de Actas das sessões de Assembleia Geral do Sport Club Internacional (1912-1959).